



Tipologias de ocupação da Rua D. Hugo (Morro da Sé, Porto)

Helena Marçal *

Palavras-chave

Rua D. Hugo, período romano, proto-história

Keywords

Street D. Hugo, Roman period, protohistory

Resumo

O presente artigo foi elaborado na sequência do acompanhamento arqueológico efectuado no âmbito do projecto de requalificação do Espaço Público do Morro da Sé, Porto, em 2010 e 2011, pela empresa Arqueologia e Património.

Os trabalhos realizados na Rua D. Hugo revelaram um conjunto de estruturas e contextos, que nos remetem para a ocupação do Morro da Sé, durante o período romano e proto-histórico. Mediante a análise dos achados, pretendemos dar mais um contributo para a discussão da problemática da ocupação deste espaço nobre da cidade.

Abstract

This article was prepared as a result of archaeological monitoring carried out under the proposed redevelopment of the Public Space of Morro da Sé, Porto, in 2010 and 2011, by the Arqueologia e Património company

The work undertaken in the street called Rua D. Hugo revealed a set of structures and contexts that are related to the occupancy of the Morro da Sé, during the Roman period and protohistory time. By analyzing the findings we intend to further contribute to the discussion of the issue of the occupancy of this privileged place of the city.

* Arqueóloga (Empresa - Ricardo Teixeira e Vitor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda - helenaisabelmarcal@yahoo.com)

1. Introdução

A Rua D. Hugo localiza-se no Bairro da Sé, freguesia da Sé, na cidade do Porto. A intervenção arqueológica efetuada pela empresa Arqueologia & Património insere-se no âmbito de projeto de reabilitação do Espaço Público do Morro da Sé, que englobou também o Largo Pedro Vitorino, a Rua de S. Sebastião, o Largo do Colégio e o Miradouro junto à Igreja de S. Lourenço.

Os trabalhos realizaram-se entre setembro de 2010 e junho de 2011 e exigiram a presença em permanência, de uma equipa composta pela signatária e por Bibiana Mota¹.

2. Enquadramento histórico

A ocupação da cidade do Porto terá tido início no Morro da Sé (Morro da Pena Ventosa), uma elevação, de acesso complicado, com excelentes condições de defesa. “Com defesas naturais por todos os lados exceto pelo rio de Vila” (Carvalho *et al.* 1996:19), e com zonas cujas cotas mais elevadas possuem “cerca de 76 a 78m de altura, formando excelentes plataformas para a fixação das populações” (Carvalho, *op.cit.* 19). Rodeado por água, a oeste pelo rio de Vila (progressivamente encanado) e a Sul pelo rio Douro, possuía as condições ideais, que permitiram a fixação de populações, desde o Bronze Final.

Parte integrante deste espaço, a rua de D. Hugo, localiza-se nas traseiras da Sé catedral do Porto. Apesar das contínuas renovações urbanas ocorridas ao longo dos séculos, a rua, conseguiu sobreviver quase intacta. Integrada desde cedo no interior da cerca velha ou muralha românica, o seu traçado corria paralelo a esta.

Referida na documentação desde o século XIII, a sua denominação alterou-se ao longo do tempo, rua de Redemoinho, Riodemoinho, Rua dos Cónegos, Cónegos de trás da Sé, Trás da Sé, rua da Catedral, foram algumas das designações



Figura 1. Pormenor da Planta topográfica da cidade do Porto de Augusto Telles Ferreira, 1892, (a seta a vermelho localiza a rua D. Hugo).

que possuiu. A partir dos anos 40, passou a Rua de D. Hugo em homenagem ao Bispo do Porto a quem D. Teresa doou o burgo em 1120.

Rua estreita, de cariz medieval, com declive acentuando para sul, “desde os primeiros séculos do burgo medieval até à Idade Moderna era o local escolhido pelos cónegos da Sé para aí habitarem”. (Fernandes, 2006: 6). Atualmente, aqui coexistem construções que testemunham a evolução urbana ao longo dos séculos. Edifícios do séc. XVI, como o nº13, do séc. XVII/XVIII “A casa dos Freire de Andrade” no nº15, do séc. XVIII nº32, a Casa Museu Guerra Junqueiro, do séc. XIX o nº5 (onde foram detetados os vestígios mais antigos da ocupação do morro). Por toda a rua se observam casas antigas, altas, algumas estreitas, com varandas com grades de ferro, molduras de portas e janelas em granito, (Graça *et al.* 2002).

¹ Assistente de Arqueólogo, responsável pela execução de todos os desenhos de campo.

3. Trabalhos Arqueológicos

Os trabalhos arqueológicos efetuados no espaço público consistiram no acompanhamento de todas as tarefas de afetação do subsolo: decapagem de sedimentos e abertura de valas para colocação de diversas infraestruturas.

Estas tarefas, se por um lado provocaram grandes movimentações no subsolo, permitiram-nos igualmente a deteção de um vasto conjunto de estruturas e contextos, com uma cronologia que se estende da proto-histórica ao período contemporâneo e nos fornecem novas luzes sobre a ocupação do Morro da Sé, centro histórico da cidade do Porto.

Dos achados detetados salientamos: um troço da cerca românica do Porto com cerca de 26m de comprimento, no miradouro junto à igreja de S. Lourenço; as estruturas do período romano do Largo do Dr. Pedro Vitorino e os vestígios do período romano e proto-histórico da Rua D. Hugo, sobre os quais nos vamos debruçar neste artigo.

O subsolo da Rua D. Hugo revelou-se um espaço riquíssimo em achados arqueológicos. Apesar de nos depararmos com um local muito afetado pela colocação de infraestruturas de saneamento, condução de águas e eletricidade ao longo do século XX, que rasgaram a rua de norte a sul, em alguns locais com mais de 2 m de profundidade, e pelas alterações urbanísticas ocorridas ao longo de séculos.

3.1 Vestígios de ocupação no período romano

A presença de vestígios romanos na Rua D. Hugo, não é inédita, nos anos 80 e 90, os trabalhos arqueológicos efetuados no edifício nº5², permitiram detetar diverso espólio, bem como várias estruturas, de entre as quais, se destaca um troço de muralha do séc. III-IV. Em

1996, as escavações arqueológicas no edifício nº 32, Casa-Museu Guerra Junqueiro, revelaram um buraco de poste e um troço de muro.

Os trabalhos por nós executados no espaço público (Rua D. Hugo) permitiram-nos igualmente detetar inúmeros vestígios da presença romana. Silos, pavimentos, muros e diversos depósitos, (de onde foram recolhidos fragmentos de *sigillata*, ânfora, lucernas, dólios, tegula e *imbrex*), encontram-se dispersos ao longo deste espaço e estarão provavelmente associados aos achados da década de 80 e 90.

Na faixa Norte da rua, entre a casa nº2 e o muro que separa a rua da calçada da Vandoma, foram identificados quatro silos. Com forma arredondada, cortados no afloramento rochoso, encontram-se concentrados a pouca distância uns dos outros, e a cerca de 0.20cm de profundidade em relação ao pavimento de circulação da rua. Destes, apenas dois foram intervencionados.

O de maiores dimensões (UE. 3023) possui cerca de 1m de profundidade e 1.20m de largura. Do seu interior foi recuperada cerâmica de uso doméstico, do período romano provavelmente contemporânea da sua utilização. Bem como cerâmicas do período moderno/contemporâneo, possivelmente associadas ao período em que o silo foi afetado pela construção de uma estrutura em granito, cuja funcionalidade não conseguimos discernir.

O segundo silo (UE. 2041) encontra-se selado por uma calçada do período moderno/contemporâneo. Possui cerca de 1m de profundidade e largura, do seu interior foi igualmente recuperada cerâmica do período romano.

A maioria das construções, descobertas encontra-se concentrada na parte N da rua. Assim, começando pela faixa N no sentido em que as valas foram abertas, identificámos entre a calçada da Vandoma, e chafariz de S. Miguel o Anjo, um muro com orientação S/N, com cerca

² Arqueo-sítio e sede da Ordem dos Arquitetos do Norte. Os trabalhos aqui efetuados durante os anos 80, foram dirigidos pelo Dr. Manuel Real.



Figura 2. Pormenor do silo (UE 3023).

Figura 3. Detalhe da estrutura que afetou o silo (3023).

Figura 4. Aspetto final do silo (UE 2041).

de 0.50cm de largura. Junto do qual, foi possível efetuar uma observação em profundidade, que nos revelou um alçado com oito fiadas de pedras, (UE 2003/3030), ligadas por argila acastanhada e a sua vala de fundação. O muro foi construído sobre depósitos romanos, e parece ter sido destruído por uma estrutura medieval/moderna.

No pequeno “largo” entre o edifício nº5 e o muro que o separa da calçada da Vandoma, terreiro onde durante anos se realizou a feira da Vandoma, foram detetados na vala 01 OBS 081, dois alinhamentos (UE 1005 e 1006), pertencentes à mesma estrutura. Com orientação S/N, possuem cerca de 0.50cm de largura, são compostos por pedras de granito de média e pequena dimensão ligadas por argila acastanhada. Ao longo do topo do muro 1005, foi possível efetuar uma observação, que nos revelou um alinhamento com cerca de 6 metros

de comprimento, que não parece corresponder ao seu tamanho total, pois este encontra-se parcialmente destruído.

A cota de afetação da obra, não nos permitiu efetuar uma observação em profundidade, não permitindo assim, destrinçar com clareza as razões da sua destruição, nem o período em que esta ocorreu.

Junto destes alinhamentos, foram identificadas uma calçada (UE 1007) do período moderno/contemporâneo, bem como uma construção (UE 1002) de grandes dimensões que encostou ao muro romano sem o danificar, cuja cronologia ainda não conseguimos esclarecer com certezas absolutas. A sua construção corta um depósito da Idade do Ferro.

Nas proximidades da confluência da parede N e O do edifício nº5, identificámos na vala 03 OBS 043, um conjunto de estruturas, sendo que as mais antigas datam do período romano. Estas



Figura 7. Aspecto final da estrutura 1005.



Figura 5. Alçado da estrutura 2003/3030.
Figura 6. Estrutura 2003/3030.



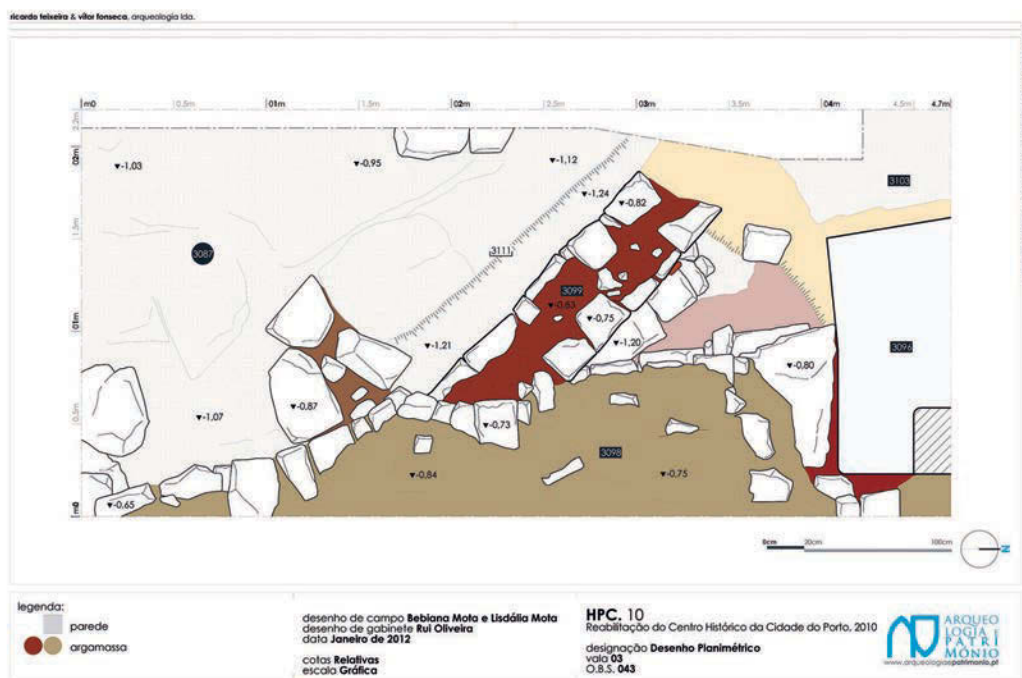


Figura 9. Plano final da OBS 043, vala 03.

Figura 10. Detalhe das estruturas 3098 e 3099.

Os depósitos que se encontram na envoltura da estrutura romana, estão essencialmente relacionados com a sua construção e destruição.

O alinhamento 3100 encontra-se muito danificado por construções medievais/modernas.

Junto do edifício nº 11, a deteção de depósitos com espólio romano, afetados pela cota da obra permitiu-nos efetuar uma sondagem de observação, OBS 027 (vala 03), que nos revelou a existência de dois alinhamentos com orientação O-E, coevos dos anteriores, assentes no afloramento rochoso. O mais antigo (UE 3083), tem apenas uma face e uma fiada de pedras, parece ter sido destruído pela construção do segundo muro. Posteriormente, no período contemporâneo, foi cortado pela construção de um caneiro em granito.

O segundo alinhamento (UE 3072) encontra-se afetado pela construção no período contemporâneo do edifício nº11, cuja fachada principal assenta sobre este. Associada a esta

possuem características construtivas idênticas às anteriores, e uma orientação S-N (UE 3100) e O-E (3099). O alinhamento O-E, construído sobre o afloramento rochoso, é composto por duas fiadas de pedras. Terá sido destruído no séc. XIV pela construção de um edifício (UE 3098) igualmente identificado durante a intervenção e, cuja parede sul se encontra integrada na casa nº5, correspondendo atualmente à sua parede N.

estrutura, foi identificado um pavimento composto por terras negras e argila cozida (UE 3084) e um depósito com cinzas.

A partir desta zona, encontrámos apenas vestígios pontuais da presença romana, mesmo assim foi possível recolher dos perfis estratigráficos diverso espólio e registar a existência de um pavimento em granito junto do edifício nº29. Os últimos indícios da presença romana foram identificados entre o edifício nº39 e 41, em frente de uma construção do período castrejo, que iremos descrever de seguida.

3.2 Vestígios de ocupação na Idade do Ferro

Na faixa norte da rua D. Hugo foi identificado um depósito de onde foi recolhido espólio da Idade do ferro. Mas foi na sua faixa Sul, que se detetou o achado de maior relevância.

Do lado direito do arruamento em frente da casa nº39 e 41, foi detetado um edifício de planta circular (UE 2182), composto por duas fiadas de pedras de granito, ligadas por argamassa amareladas saibrosas. Possui cerca de 0.50 cm de largura e 3m de diâmetro, composto por duas

fiadas de pedra do lado exterior, é construído em aparelho misto, parte dele hexagonal. A sua construção foi efetuada no afloramento rochoso.

No seu interior, foram identificados a sua vala de fundação, 3 buracos de poste cortados na rocha, e 2 pavimentos em terra batida muito finos, um dos quais com cinza. Encostado à sua parede exterior observa-se o arranque de uma construção, muito danificada, que poderá corresponder a um vestíbulo (UE 2183).

O interior da casa castreja foi afetado pela construção no séc. XVIII/XIX do muro de sustentação dos jardins do Paço Episcopal, que assentou sobre parte do edifício e no e no séc. XX, pela colocação de uma conduta de água.

Do seu interior foram recuperados diversos fragmentos cerâmicos do período romano, que poderão estar associados à época de romanização do espaço.

Junto do edifício e estendendo-se para sul e este, ocupando quase toda a largura da rua, identificou-se um pavimento (UE 2145) coevo da construção circular. Composto por pedras



Figura 11. Pormenor das estruturas 3083 e 3072.

Figura 12. Aspecto geral da OBS 027 vala 03.

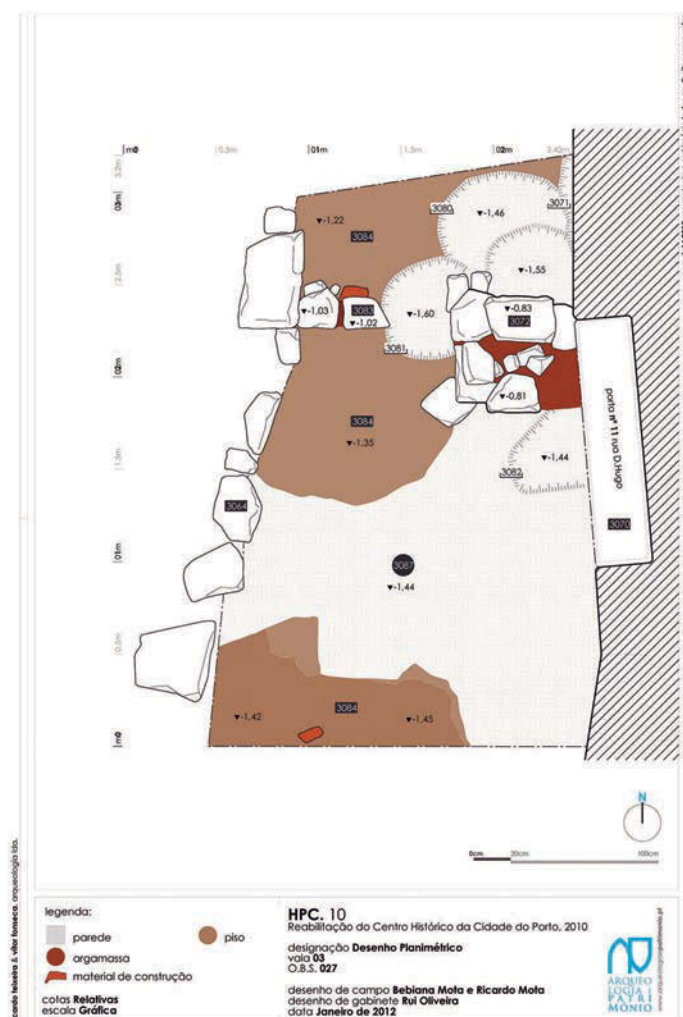


Figura 13. Plano final da OBS 027 vala 03.

de granito de média e pequena dimensão, foi cortado na parte central e sul pela colocação nos anos 30 do séc. XX do sistema de saneamento.

Estes achados fazem parte do antigo povoado castrejo edificado no Morro da Sé, cuja cronologia aponta para 500 e 200 A.C. Deste fazem parte as duas estruturas habitacionais circulares, uma delas com vestíbulo, identificadas nos trabalhos efetuados no edifício nº5 da Rua D. Hugo. Sendo a construção, por nós identificada de maiores dimensões, e bastante distanciada das anteriores, o que nos leva a alargar o perímetro de ocupação do castro. Associada a estes achados

foi igualmente identificada em 2009, durante os trabalhos de escavação no quarteirão da Banharia³, um troço da muralha castreja que circundaria o povoado.

Do lado esquerdo da rua, em frente do edifício de planta circular, sobre o lajeado (UE 2145) da época castreja, identificámos vestígios que nos indiciam a ocupação romana do castro. Foram detetados dois muros retilíneos e diversos depósitos. O pavimento encontra-se selado por depósitos romanos, do lado norte um

³ Trabalhos dirigidos pelo Dr. Jorge Fonseca (Arqueologia e Património), inseridos no projeto de construção da residência universitária.

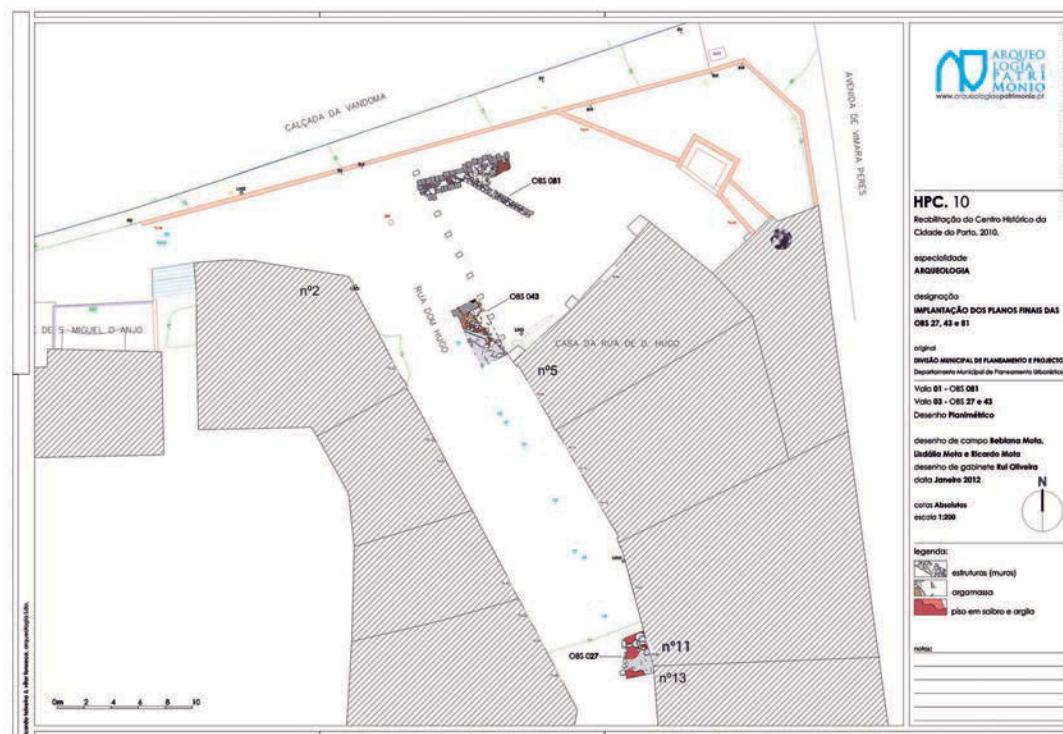


Figura 14. Planta com implantação das principais estruturas detetadas na faixa norte da Rua D. Hugo.



Figura 15. A casa castreja e pavimento coevo.



Figura 16. Aspecto geral das estruturas detetadas entre a casa nº 39 e 41.



Figura 17. Muro (UE 2138).

Figura 18. Estrutura (UE 2143) detetada junto ao pavimento castrejo.



Figura 19. Plano final das estruturas castrejas e romanas detetadas na OBS 062 vala 02.

depósito possivelmente de aterro espesso e dois pavimentos em terra batida, que foram cortados pela construção do muro sul (UE 2138).

Os muros com construção idêntica possuem cerca de 0.50cm de largura, com pedras de pequena e média dimensão ligada por argila acastanhada. Foram cortados pela abertura da vala para a colocação do saneamento nos anos 30 do séc. XX.

O conjunto de vestígios de ocupação romana e proto-histórica, por nós detetados na Rua D. Hugo, permitiram-nos desvendar um pouco mais sobre a ocupação do Morro da Sé ou Morro da Pena Ventosa, em tempos antigos, ainda que de uma forma muito parcelar.

Tentamos agora, através do estudo do espólio recolhido, pesquisa bibliográfica e análise das estruturas, afinar a sua cronologia. Sabendo de antemão, que muito ficará por esclarecer, e que nos iremos deparar com mais interrogações que respostas.

| 87 |

6. Bibliografia

- CARVALHO, T.P.; GUIMARÃES, C.; BARROCA, M.J. (1996) - *Bairro da Sé do Porto. Contributo para a sua caracterização Histórica*. Porto, Câmara Municipal do Porto.
- COSTA, A.R.C. (2001) - *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. 3ª Edição, Lisboa.
- FREITAS, E.A.C. (1999) - *Toponimia portuense*. Porto.
- FERNANDES, A.J.L. (2006) - *A Rua dos Cónegos, um espaço sócio-económico no Porto setecentista*. Dissertação de Mestrado, FLUP.
- GRAÇA, M.; PIMENTEL, H. (2002) - *Seis percursos pelo Porto Património Mundial*. Porto.
- MARÇAL, H. (1963) - O Bairro da Sé. Sep. *O Tripeiro*, Porto, p.5-51.
- REAL, M.L. (1984) - Noticias sobre as operações de salvamento no Morro da Sé, em áreas de intervenção do CRUARB, In *Arqueologia Dez*, Edi. GEAP, Porto, Dezembro de 1984, p. 75-79.
- REAL, M.L. et al (1985/86) - Escavações arqueológicas no Morro da Sé. Sep. Do *Boletim Cultural do Porto*, CMP 2ª série, Vol. 3/4.
- SILVA, A.M.S.P. (2002) - Rua D. Hugo, 5, um arqueosítio fundador. A Investigação Arqueológica nos concelhos da área metropolitana do Porto. In *Almadán* - IIª série, n.º 9, Centro de Arqueologia de Almada, Outubro, p. 136-137.
- Silva, A.F. (2002) - Proto-História e Romanização do Porto. A Investigação Arqueológica nos concelhos da área metropolitana do Porto. In *Almadán* - IIª série, n.º 9, Centro de Arqueologia de Almada, Outubro, p. 94 -103.

7. Cartografia

CARTA TOPOGRÁFICA DA CIDADE DO PORTO - Augusto G. Telles Ferreira. 1892